

Pobres escolas americanas

LEE IACocca

Um professor da Universidade de Michigan, nos Estados Unidos, recentemente publicou mais um desses intermináveis estudos mostrando que as crianças americanas ficam muito atrás das estrangeiras na escola. Mas esse era um pouco diferente dos outros — tentava explicar o porquê de as nossas crianças nunca superarem as estrangeiras.

Ele testou a habilidade matemática de cinco séries no Japão, em Taiwan e no Estado de Minnesota. Como em todas as comparações já feitas, as crianças americanas terminaram em último. Então, qual é a novidade?

A novidade é que a seguir ele perguntou às mães dessas crianças o que pensavam das escolas em que os filhos estudavam. Perguntou se estavam satisfeitas com os professores, o currículo, a quantidade de dever de casa e o desempenho geral do colégio.

Ao que parece, é difícil agradar as mães japonesas. Apenas 32 por cento disseram que as escolas eram boas ou excelentes. Dois terços das mães estavam insatisfeitas. As mães de Taiwan também não estão felizes: apenas 50 por cento deram às escolas seu selo de aprovação.

Mas as mães americanas, cujos filhos ficaram em último nos testes, estavam praticamente extasiadas com as escolas. Noventa por cento classificaram-nas entre boas e excelentes. As mães cujos filhos terminaram em último lugar eram as mais satisfeitas — quase três vezes mais que as mães japonesas.

Alguma coisa está errada aqui!

As mães americanas eram de Minnesota, um Estado que sempre chega em primeiro, ou quase, em competições estudantis nos Estados Unidos. Pa-

ra os padrões americanos, essas escolas eram de alto nível e as mães deveriam estar contentes com o ensino. O problema é que o padrão americano não é suficientemente bom hoje em dia.

Muitos pais americanos — bons pais, que fazem o dever de casa com os filhos e comparecem às reuniões da escola — não aceitam o fato de seus filhos não serem competitivos. Não são apenas os estudantes em situação econômica desvantajosa das superlotadas escolas do interior que estão ficando para trás. Isso também acontece com as crianças privilegiadas de áreas abastadas.

É fácil os pais terem uma falsa noção de segurança quando vêem a escola local enviar 80 por cento de seus alunos para as universidades, alguns até mesmo para Harvard e Stanford, e vêem coeficientes de rendimento 200 pontos acima da média nacional. Isso só pode significar que a escola é ótima e que as crianças não terão problemas ao competir com outras crianças do país por um emprego.

Mas não são os jovens de outros Estados que vão conquistar esses empregos. São os jovens de Japão e Taiwan, Coreia e Singapura, França e Alemanha. E, sempre que nossas escolas são comparadas com as desses países, fracassam.

As empresas de hoje buscam padrões de qualidade internacionais. Não há mais um padrão americano para carros, aparelhos ou computadores. Simplesmente, não se pode ficar no mercado por muito tempo sem produtos que possam competir com os melhores do Mundo. E os trabalhadores também não terão emprego por muito tempo se estiverem contentes apenas por serem mais produtivos do que os da fábrica do outro lado da cidade. Trabalhadores de alto padrão, em outros países, mais cedo ou mais

tarde vão empurrá-los para as filas de desempregados.

Nossas escolas também precisam alcançar qualidade internacional. Isso pode significar tirar as vendas dos olhos e encarar o fato de que o nosso "melhor" pode não passar de medíocre quando comparado, cabeça a cabeça, com escolas da Ásia e da Europa. Pode significar ter que engolir um pouco de orgulho e admitir que os americanos já não determinam padrões educacionais; são outros países que o fazem.

Claro que a simples menção de padrões de qualquer tipo basta para enfurecer os educadores americanos. O ponto mais controvertido do programa educacional do Presidente Bush é justamente o fato de que ele instituiria diversos padrões nacionais de qualidade. E, tão certo como o dia depois da noite, quando há padrões há cobrança de responsabilidades. Muitos educadores e políticos não gostam de padrões, nem de responsabilidades.

Algumas de suas razões são válidas. É duro, em uma sociedade diversa como a nossa, estabelecer padrões satisfatórios. E ninguém quer sufocar a criatividade de um professor.

Mas isso é fugir do assunto. Os padrões já existem, queiram ou não. E não foram estabelecidos por burocratas de Washington. Foram estabelecidos em Tóquio e Berlim. Então, nossos educadores já estão frente a frente com a cobrança de responsabilidades. Se nossas crianças não têm habilidade mental e força para competir nesta economia global em que vivemos, nossas escolas assumirão, e devem assumir, suas responsabilidades.

O mesmo devem fazer os pais que se satisfizeram com muita facilidade e não cobram o bastante de suas escolas.